

AO: Artigo de Opinião



A Verdade (III)

No séc. XXI, reina o relativismo. Recusa-se o valor absoluto do conhecimento. O discernimento varia segundo a mente do sujeito (o que é verdadeiro para uns não o é necessariamente para outros), a experiência e o contexto. A verdade é que não há verdade. Resvala-se na absolutização do nada.

Com o niilismo – fruto de uma opção vital e não de uma demonstração racional – atinge-se o extremo da negatividade e da desorientação. Para quê procurar um sentido para a vida, se este não existe? Se não é possível chegar à verdade do ponto de vista antropológico, a paixão pelo ser humano é inútil, por este ter nascido um ser fracturado e algo absurdo, como acredita Sartre.

O ser humano almeja-se livre, autónomo e espontâneo. O relativismo afirma-se como o garante dessa liberdade, ao virar as costas a verdades e a valores universais, entendidos como manifestações de despotismo, interesses ocultos e segundas intenções que rompem com o consenso social.

Com base no relativismo, o que há a fazer, neste mundo rápido e inconstante, em que o tempo é escasso e valioso, é lidar com os meios à nossa disposição, deixando a questão dos fins para depois. Não se consome a visão dos filósofos, que se entende desfasada da realidade, mas a perspectiva que é transmitida de forma mais imediata – na qual não é necessário reflectir. Empregam-se as energias, não no ser, no abstracto ou na metafísica, mas na *fast food*, no que é fácil, estimulante e urgente. Imperam as escolhas transmitidas pelos meios de comunicação, elaborados com o objectivo prévio de manipular emoções.

Daqui resulta o império dos valores estéticos, reflexo de um formalismo vazio. Vivemos sob a ditadura da moda, sob os holofotes do espectáculo que se banaliza, à sombra do politicamente correcto. O descompromisso e a tolerância resultam da cultura da inconsistência.

Pode ser que, como diz Chesterton: *o problema do homem de hoje não consiste em não crer em nada. Ao contrário, o seu problema consiste em crer em tudo.* Um coração onde todos entram, nenhum fica. O mais provável é que vá dar ao mesmo, porque os extremos tocam-se.

Quando o humano desiste da imortalidade, dos *valores de sempre*, e substitui a demanda do *graal* por uma luta diária pela sobrevivência, pune pelos *valores de hoje* e insiste em manter a juventude. É uma fuga para a frente, que recusa a planificação de um amanhã que pode não despertar no horizonte.

Uma sociedade obcecada pelo valor da juventude, pergunta constantemente aos seniores o que aprenderam com os filhos e os netos. Ao que eles replicam que não dão conselhos, pois cada um sabe de si – qual fosse prepotência partilhar a experiência de anos – e a sabedoria dos mais velhos é isolada em lares.

Perante isto, os valores só podem ser modais. A verdade não é transmitida por quem já conhece o caminho e nos pode avisar antecipadamente sobre as armadilhas. Tem de ser vivida. O que faz sentido é *a sua* verdade, para não haver exigência. Logo, o que hoje é verdade, amanhã pode ser mentira. Já Camões dizia: *Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades,/ Muda-se o ser, muda-se a confiança;/ Todo o mundo é composto de mudança,/ Tomando sempre novas qualidades.*».

Mudar para melhor? Del Barco dizia que: *o aperfeiçoamento do homem como homem é infinito. A tarefa de chegar a ser o que somos é interminável.*

De facto, como é que o ser humano se aperfeiçoa num mundo relativista que deixou de pensar segundo a dicotomia bom/mau, correcto/incorrecto, moral/imoral, preferindo o que é útil/inútil? Em que o saber só interessa se resolve problemas práticos? Em que se substituem convicções por convenções, em que cada qual pode valer pelos seus valores particulares desde que sem motivação suficiente para se aventurar em qualquer tipo de comparações qualitativas?

O relativismo evita a convivência crispada, mas nem sempre a obtém. Distingue liberdade no plano privado e no plano público. A verdade passa a ser uma medida da consciência, do consenso, da renúncia calculada em prol da sobrevivência – que é prioritária, enquanto objectivo, para o ser humano pós-moderno.

Del Barco declara: *na época do adeus aos grandes relatos, ao crepúsculo do dever, à generalização do conformismo, a propagação do pessimismo cultural e a difusão da versátil ética mínima, indolor e acomodada, anuncia o obscurecimento do valor. A luz do bem, diz-se, perdeu o seu antigo resplendor.*

Mas será que o indivíduo se contenta em viver longe da verdade? Ou será que desiste dela qual caravela que, de tão livre, perdeu a noção de porto seguro?

No séc. XXI, os humanos são seres erráticos. O erro que se queria excepção, passou a regra. Porque quem não corre não cai. Mas sendo assim, os corajosos não são os virtuosos mas os que se mantêm na corrida. António Gedeão, no seu poema da malta das Naus, confessava: *com a mão esquerda benzi-me,/ com a direita enganei./ mil vezes no chão, bati-me,/ outras mil me levantei.*

Em princípio, cai menos quem não é trapaceiro e toma atenção ao chão que pisa. Ou seja, uma quota-parte da responsabilidade também é do indivíduo. Alberto Caeiro lembra que: *tornamo-nos pequenos porque nos tiram o que os nossos olhos nos podem dar. E tornam-nos pobres porque a nossa única riqueza é ver.*

O que é que os olhos podem dar se não sabem ver o óbvio? George Sand explica que: *o verdadeiro é demasiado simples e torna-se indispensável chegar lá através da complicação.*

Os que não vêem são os idealistas ou os pragmáticos frustrados pela vida? D. Quixote defrontava moinhos de vento pensando combater um exército de mouros enraivecidos? Sancho Pança via a verdade, porque a buscava na simplicidade de uns olhos francos e abertos. D. Quixote, menos que cego, enganava-se a si próprio. Mas o cavaleiro pedia a poesia épica, a arte, a fantasia, porque a realidade não lhe chegava.

Pode até ser que, como Vilhelm Ekelund: *gosto um pouco mais da verdade quando sou eu que a descubro e não outro que me a mostra.*

Mas, no fundo, não será que o indivíduo procura a verdade que lhe agrada? Sebastião da Gama, no “Impostor” lamentava que: *ele, do Alto, sorriu/ e riu/ daquela tragicomédia,/ dos meus ares de arlequim,/ Mas consegui fugir ao seu olhar.../ Por fim,/ Acreditava, tanto como os outros,/ Que as palmas eram para mim».*

De facto, não há pior cego, que aquele que não quer ver. Quem se ilude, morre em praça pública. Ou mantém-se na corrida em prol de uma meta que cruzará no dia em que tiver sucesso, definido pelo reconhecimento público.

Porque o ser humano quer ser famoso, deseja corresponder às aspirações dos demais, condicionadas pela força exterior, pela sociedade que o rejeita se for tímido, mortal e envergonhado. Os belos são extrovertidos e magnânimos. Pouco importa se também são manipuladores e falsos, pois as aparências alimentam-se de mentiras.

Par Lagerkvist: *os homens gostam de se ver reflectidos em espelhos pouco transparentes.* O ser humano embeleza-se. Raramente aceita o que vê ao espelho e procura aperfeiçoar um modelo, muitas vezes tornando artificial o que era belo no original.

Aparentemente, é esta incompatibilidade entre mundo interior e o mundo exterior, que origina a afirmação do ser. Jean Grenier encolhe os ombros: *nunca consegui fazer coincidir aquilo que eu supunha ser a verdade com aquilo que me ajudava a viver.* Winston Churchill prefere confessar: *os homens tropeçam por vezes na verdade, mas a maior parte torna a levantar-se e continua depressa o seu caminho, como se nada tivesse acontecido.*

É que a verdade tem um preço e poucos estão dispostos a pagá-lo, remetendo a culpa para os fracos, os que vêem a seguir, os conscientes do seu papel em sociedade.

Há um rosto por detrás da mentira. Desafia interesses instalados. É por isso que François Fénelon adverte: *não basta mostrar a verdade, é preciso apresentá-la amavelmente.*

Amavelmente, ou cravando o fel na pele do outro. Já cantava António Aleixo que com a verdade também se joga: *julgando um dever cumprir/ Sem descer no meu critério/ Digo verdades a rir/ Aos que me mentem a sério!* De facto, a verdade também pode ser uma excelente pedra de remesso. Oscar Wilde que o diga: *a verdade jamais é pura e raramente é simples.*

Por ironia do destino, num mundo aparentemente dominado pela mentira: *a verdade é a melhor camuflagem. Ninguém acredita nela.* Nem que seja, como explica o poeta António Aleixo, porque haver sempre quem abuse: *mentiu com habilidade/ Fez quantas mentiras quis;/ Agora fala verdade,/ Ninguém acredita no que ele diz.*

Nicolau Gogol, instigado pelo valor que atribui à transparência, promove a sua não banalização para uso futuro: *quanto mais sublimes forem as verdades mais prudência exige o seu uso; senão, de um dia para o outro, transformam-se em lugares comuns e as pessoas nunca mais acreditam nelas.*

Quem mente perde credibilidade? Quem diz uma, obriga-se a contar outra a fim de não contrariar o primeiro desvio. É muito difícil, pois, saber quando vai parar de o fazer. Lembra a história do pastor que gritava: *Vem aí o lobo!* Divertia-se a pregar partidas, até ao dia em que o lobo de facto veio e o matou, porque os aldeões não lhe acudiram, convencidos de que o último apelo não era de pânico mas de gozo.

Porque a mentira revolta. Pode gerar violência. Ou ironia, pois a experiência também caleja e António Aleixo sabia do que dizia: *diz tudo quanto quiseres,/ Mas eu, p'ra te ser sincero,/ Daquilo que tu disseres/ Só acredito o que quero.*

Nem todos têm igual maturidade para enfrentar a tempestade com um sorriso. Há quem, depois de mil canseiras e experiências podres, desespere por um rasgo de luz, por uma verdade sólida e confiável que sossegar o espírito no presente e depois em confiança projectar-se no futuro. Como confessa Albert Camus: *é a verdade. Até há pouco tempo, eu não a sabia. Agora sei. Este mundo, tal como está feito, não é suportável. Tenho, portanto, necessidade da Lua, ou da felicidade, ou da imortalidade (...) toda a gente passa bem sem essa verdade. Olha à tua volta. Não é ela que os impede de almoçar. Então é porque tudo à minha volta é mentira, e eu, eu queria que vivesse na verdade.*

Se Georges Braque tem razão, tudo se resume a que: *a verdade existe. Apenas se inventa a mentira.* E a mentira é não saber.

Bom, mas não basta piscar-lhe o olho. O orgulho ferido sabe interpretar os factos a seu gosto, embelezá-los, relativizá-los, conspurcá-los de malidicência. Assim ganha tempo para gerir os sentimentos que explodiram em função das revelações que chocaram a sua existência. Até ao dia em que enfrenta a verdade. Respira fundo e levanta a cabeça.

Em consciência não há relativismo, há transparência. Não é fácil abrir os olhos para a realidade e descobrir as oportunidades perdidas, os erros de julgamento, as amizades falsas, os abusos de poder. A verdade doi.

O que significa que há decisões a tomar. Sem margem para contemplações, surgem rupturas, mudanças, transformações. Abrem-se brechas na segurança do quotidiano. Tudo pode eclipsar de um dia para o outro, se uma decisão não mais for adiada.

A mentira apenas entretém. É a verdade que liberta. É a força que nos desamarra de hierarquias bafientas, que nos retira das armadilhas da sociedade, que nos afasta de homens que não nos merecem, que nos abre à infinitude de um horizonte de possibilidades. Que nos faz voar já sem asas, nos faz correr de pernas cansadas, nos desperta dos pesadelos e nos impulsiona para a frente.

A verdade não é de fácil digestão, nem compensadora no imediato. A verdade baseia-se em factos.

A mentira alimenta-nos falsas esperanças. A verdade faz-nos crescer em carácter, em vontade e em determinação. Reforça a nossa paciência, a confiança no futuro. Faz-nos audazes nas nossas convicções, porque em consciência não temos nada a perder. Não desistir implica continuar. Desbravar um novo caminho. A vida pode ser sempre renovada e iluminada pela felicidade, todas as manhãs ao acordar.

Todo o mal passa. E então não há chuva que molhe, frio que corrompa, calor que abraze, e a humidade não se sente. **Corajosos são os que sabem viver plenamente.**